

«GERAR RASTO NA HISTÓRIA DO MUNDO»

6. Uma forma concreta

por Luigi Giussani*

No Natal festejámos a iniciativa de Deus que, como um «acontecimento», acontece não onde o homem já decidiu, mas onde Ele escolhe, «numa forma histórica concreta» e em «termos humanamente compreensíveis». Desta iniciativa nascem laços novos entre os homens e surgem lugares que se assemelham a «casas» aonde se pode regressar para viver a familiaridade com o Senhor presente.

Nos meses e nas férias que agora acabaram assistimos já à constituição de «laços» e «lugares» (apresentações, testemunhos, momentos de estudo) surgidos de encontros e de acontecimentos inesperados que redefiniram o valor de termos como «virtual» e «à distância», dando carne e sangue ao nosso trabalho de Escola de Comunidade. Convidamos todas as comunidades a aproveitar este recomeço como uma oportunidade para continuar (ou talvez começar) a viver o nosso caminho com disponibilidade, de forma criativa e inteligente.

Para nos ajudar a reconhecer estes lugares na nossa história, propomos a continuação, até ao final do mês de janeiro, do trabalho sobre o segundo capítulo, ponto 8, *A forma concreta da eleição é o templo no tempo* (pp. 105-116), do livro de L. Giussani - S. Alberto - J. Prades, *Gerar rasto na história do mundo*, Paulus, Lisboa 2019.

Relembramos que é possível enviar perguntas e testemunhos para o site:

<http://eventi.comunioneliberazione.org/gscontributi/>
na secção «Escola de Comunidade».

8. A FORMA CONCRETA DA ELEIÇÃO É O TEMPLO NO TEMPO

O eu novo nasce do gesto de eleição de Cristo que o insere na companhia humana gerada pelo Seu Espírito, na Igreja. Esta eleição assume sempre uma forma histórica concreta.

Cristo toma o homem no Batismo, fá-lo crescer, tornar-se adulto e, através de um encontro, fá-lo experimentar a proximidade de uma realidade humana diferente, correspondente, persuasiva, educativa, criativa, que de alguma maneira o impressiona. Então o homem diz: «Vou com eles», isto é, aceita aderir ao impacto sentido que o empurra para aquela realidade humana encontrada. Aceita porque foi tocado por qualquer coisa, nem que tenha sido apenas por uma leve brisa. Porque o Senhor também atua através de leves brisas: «Eis que o Senhor vai passar. Nesse momento, passou diante dele um vento impetuoso e violento, que fendia as montanhas e quebrava os rochedos; mas o Senhor não estava naquele vento. Depois do »

* Do libro L. Giussani - S. Alberto - J. Prades
Gerar rasto na história do mundo,
Paulus, Lisboa 2019, pp. 105-116.

» vento, a terra tremeu; mas o Senhor não estava no tremor de terra. Passado o tremor de terra, acendeu-se um fogo; mas o Senhor não estava no fogo. Depois do fogo, ouviu-se o murmúrio de uma leve brisa». ¹²⁸ O Senhor estava no murmúrio daquela leve brisa.

Ainda que seja através de uma leve brisa, ainda que seja apenas por um momento, o homem apercebe-se de uma atração, de uma sugestão, tem a intuição de alguma coisa mais bonita, mais correspondente, melhor. E diz «sim». O encontro poderia ter sido com cem mil outros temperamentos ou outros fascínios humanos: mas ele teve este encontro. Encontrou uma determinada companhia e sentiu a brisa nova de uma promessa de vida, pressentiu uma Presença correspondente à expectativa original do coração. Portanto, foi nesta, e não noutra, a companhia na qual Cristo se tornou companheiro da sua vida e se juntou a ele no caminho. Nesta companhia ele pode repetir a maior e mais surpreendente palavra: «A minha alma está unida a Vós, a Vossa destra me sustenta». ¹²⁹

O mistério de Deus, que de outra forma seria entendido como muito distante, abstrato, torna-se assim uma urgência na vida de cada dia, uma sugestão para olhar para o céu e a terra, emoção e comoção por abrir o coração a uma preferência, que é verdadeira se se abrir à necessidade do mundo inteiro, participando assim na grande piedade de Cristo. Porque a grande piedade de Cristo floresceu no mundo através de preferências: João, Simão ... Mas não teria sido uma verdadeira preferência se não fosse o sinal da grande e nova piedade de Cristo para o mundo inteiro.

A companhia em que embatemos tem determinadas características: é, portanto, graças ao encontro com determinadas características, com uma determinado tonalidade, com uma determinada atração, com uma determinada figura, que nos encontramos nela.

A morada do homem

Deus revela-se à sua criatura no tempo e no espaço, portanto, em termos humanamente compreensíveis. O Seu Mistério, como Mistério, é irresistivelmente comunicado ao homem. ¹³⁰ Esta afirmação encerra em si uma característica absolutamente paradoxal: Cristo, como significado de todo o tempo e de toda a história, entra em comunicação com o humano, desvela-Se, num ponto do tempo e do espaço. Através de circunstâncias contingentes e definitivamente datadas, é ilustrado de forma concreta aquilo que o homem é chamado a ouvir, conhecer, reconhecer, testemunhar, da escolha familiar à qual Deus se vincula e que condiciona o relacionamento com Ele. Estas circunstâncias implicam um lugar onde Deus pede ao homem que tudo seja centrado e funcione como sinal da Sua relação com o homem e do homem com Ele, e seja totalmente função da vontade de Deus na história. Este lugar chama-se, biblicamente, «morada», «casa», «templo». O templo é o lugar onde o homem encontra, ouvindo a voz e a mensagem, a companhia do Seu Senhor, é o lugar onde o Senhor indica o caminho, o pedaço de estrada que Lhe interessa assinalar e onde tudo (a companhia entre os homens e com as coisas) reclama a aproximação do Destino. É esta a resposta à necessidade última da razão do homem, expressa nas palavras de Moisés: «Se a vossa face não vier connosco, não nos obrigueis a partir deste lugar». ¹³¹

Um Outro fez-nos encontrar aquilo que é decisivo para nos introduzir no relacionamento certo e definitivo com o nosso Destino. E a forma deste encontro é a de uma companhia »

¹²⁸ I Re 19, 11-12.

¹²⁹ Sal 63 (62), 9.

¹³⁰ Cf. L. Giussani, *O sentido religioso*, op. cit., pp. 199-200.

¹³¹ Cf. Ex 33, 11.15.18. Cf. também L. Giussani, *Em busca do rosto do homem*, op. cit., pp. 28-29.

» concreta, datável como início e como desenvolvimento, com um rosto que a distingue de todas as outras companhias. É exatamente como um pai faria - «um bom pai», acrescentaria Péguy -, que tenta tornar a proposta mais adequada para o seu filho, o mais adequada possível a ele.

Esta companhia, fixada para nós pelo Espírito de Cristo, tem uma estrutura, um esqueleto, um parâmetro constitutivo concreto.

Este parâmetro fundamental para a constituição da estrutura desta companhia é a «casa» ou «morada». Uma morada é como que a coagulação da companhia, da comunidade, da caridade, numa dimensão real, quotidiana, do espaço. É desta casa que tudo parte, que tudo pode começar de uma nova maneira, tudo é aumentado, ordenado, reforçado, suavizado. Tudo se torna amor: torna-se possível objeto de amor aquele que se encontra pelo caminho, aquele que se encontra por acaso na entrada do prédio, aquele com quem se esbarra no metro, e até as pessoas com as quais se partilha aquele lugar e aquele gesto para muitos sem sentido que é o trabalho. Tudo se pode tornar objeto de amor partindo desta morada.

A grande morada da Igreja encarna, concretiza-se em terminais capilares (como as veias, que terminam em capilares muito finos), através dos quais ela se torna presente em qualquer lugar, escolhido pelo desígnio de Deus. A grande morada da Igreja realiza-se, de facto, dentro das casas, das moradas, que representam a condensação, a coagulação da sua vida numa dimensão quotidiana de espaço e de tempo.

Esta morada pode ser de dois tipos.

a) *Família*

A casa dos que são chamados a constituir família e, portanto, a plasmar o instrumento gerador do qual sai o sujeito de toda a ação histórica, o protagonista do desígnio de Deus que é o homem. Esta é a vocação normal, sem a qual acabaria a história: a família, raiz do perene desenvolvimento da história, casa de Jesus, morada do Filho do homem.

A família é um sinal original, dado pelo próprio Criador. Aquilo que é mais decisivo como instrumento para nos introduzir na relação definitiva com o destino, e portanto, desde já, desde agora, com a verdade, com a beleza e com a justiça na relação com qualquer coisa ou pessoa, está, de facto, fixado, não somos nós que o decidimos: um Outro estabelece este instrumento. Foi precisamente Aquele que dá à nossa natureza a urgência constitutiva de uma reciprocidade de estima e gratuidade, foi precisamente Ele que criou a primeira figura experimental, que permanecerá por toda a história, um lugar onde esta urgência de caridade se torna estável e essencial: a família.

A companhia do homem e da mulher é para a geração de um povo. Um homem e uma mulher casam-se: este gesto significa que cada um identifica no outro o sinal da relação com o todo, com o sentido do todo, dado por Deus para a sua vida. O encontro de um homem e de uma mulher não pode ser definido pelo propósito exclusivo de ter filhos, mas acima de tudo de ser companhia para o Destino, como realização do propósito fundamental de qualquer tipo de companhia humana. Esta ligação torna-se, portanto, exemplo de qualquer outra companhia. É neste ideal da família que se inspira a própria forma de convivência também daqueles que se dedicam a Deus; e quem vive a família, por sua vez, encontra naqueles que se dedicam a Deus um exemplo prático, carregado de atração e cheio de conforto para si, da totalidade deste ideal.

De facto, historicamente, Deus quer a continuidade daquela companhia inicial entre o homem e a mulher e torna-os pai e mãe. Assim, um homem e uma mulher não podem fundar uma relação estável e ser uma companhia para o Destino um do outro, a não ser que estejam disponíveis para colaborar no desígnio que Deus tem sobre o mundo, quer dizer, na cria- »

» ção, na geração de um povo que percorra todo o caminho da história para desembocar no mar da glória definitiva de Cristo no último dia.

O que é que é preciso para um homem e uma mulher se tornarem pai e mãe? Em primeiro lugar, um olhar diferente entre eles. Um homem que olhasse para a mulher apenas por causa da ternura que esta lhe desperta, ou da palpitação que lhe provoca, poderia procriar, tornar-se pai, num sentido meramente biológico, até por acaso. Mas Deus, vigilante, agarra também este primeiro momento sem sentido e enche-o do significado com o qual deve ser vivido, do qual é feito. Uma vez que a criança é concebida, o pai, que tem a sensibilidade mais estranha, mais difícil, depois da primeira surpresa, começa a refletir. Olha para a sua mulher de maneira diferente. Os dois olham um para o outro de maneira diferente. A primeira condição desta nova forma de se olharem é a permanência, a ligação essencial, da qual se extrai o perfume da pertença. E é neste momento que o melhor começa: a gratuidade. Graças à qual, ainda que a mulher traísse o homem, o homem perdoaria e vice-versa. E, sobretudo, ainda que a mulher já não lhe agradasse, o caminho continuaria a ser o mesmo e o vínculo permaneceria igual, aliás mais perfeito, ou seja, mais gratuito. Nesta gratuidade, o amor é quase obrigado a espremer-se para passar pelo gargalo através do qual desembocará na caridade.

É um Acontecimento que dá início a este vínculo, como uma criança dá um novo início a uma família: é n'Este que surge o vínculo estável, ou seja, o da pertença. Aqui a vida começa a ser satisfeita, a ser gozada em sentido originalmente justo. Dá-se um salto qualitativo no olhar entre homem e mulher, onde se torna possível o respeito (*respicere*), e a relação torna-se cada vez mais significativa como sinal da totalidade, isto é, como sinal da colaboração com o Reino de Deus. A consciência de participar na construção do Reino de Deus infunde uma onda nova no coração, devido à qual o sentimento amoroso - através de um gargalo tremendo que se chama cruz - se torna caridade autêntica, alcança a virgindade, a gratuidade, ou seja, a caridade como participação na virgindade, sendo a virgindade a totalidade da vida vivida no reconhecimento de que Cristo é tudo em todos.¹³²

b) *Mosteiro*

A segunda modalidade de morada é o mosteiro. Esta é a palavra etimologicamente mais significativa entre todas as que designam a «morada» daqueles que são chamados à virgindade como forma de vida. Mosteiro deriva de *monos* (só, isolado, solitário); a relação da humanidade com Deus, com o Mistério, torna-se com efeito consciência, liberdade e amor no homem individual, torna-se um «eu» novo. Mas «mosteiro» quer dizer muitos «eus» que estão juntos. Também o exemplo do eremita tem uma provisoriedade que não faz lei: todos estes *monoi*, de uma forma ou de outra, exprimem e ilustram serem uma só coisa entre si na Igreja de Deus: juntam-se. Eis outra palavra, semelhante à palavra mosteiro: «convento» (juntar-se).

Mosteiro, convento ou, como expressão de novas formas de dedicação a Deus, «casa»¹³³, de acordo com as diversas modalidades do chamamento, são feitos, criados, construídos por quem foi escolhido como pedra viva¹³⁴ para formar, gerar, uma existência experimentável por todos, com a qual se demonstra, pela sua própria forma visível, que «só Ele é»: no mosteiro, no convento ou na casa, estas pedras vivas, aqueles que são chamados e escolhidos, estão ali para demonstrar na virgindade, forma visível das suas próprias vidas, que só Ele é, isto é, que Cristo é o Rei do Universo (*Christe cunctorum* »

¹³² Cf. Col 3, 11.

¹³³ Cf. L. Giussani, *Il tempo e il tempio. Dio e l'uomo*, op. cit., pp. 19-20.

¹³⁴ Cf. 1 Pt 2, 5.

» *dominator alme*)¹³⁵, e que tudo tem consistência n' Ele (*omnia in Ipso constant*).¹³⁶

Mosteiro, convento ou casa são, portanto, aquele lugar criado para que aqueles que lá vivem aprendam a clamar diante de todos, em todos os momentos - toda a sua vida é feita para isso - que Cristo é a única coisa pela qual vale a pena viver, que Cristo é a única coisa pela qual vale a pena que o mundo exista.

Portanto, a morada - que vive como família, como mosteiro, como convento, como «casa» dos *Memores Domini*,¹³⁷ ou como grupo de *Fraternidade*¹³⁸ - é o lugar - o templo - onde uma pessoa aprende a ver no tempo e no espaço, no outro concreto, o mistério de Cristo. Percebe-se, então, por que razão também a comunidade na escola ou universidade é como uma casa ou uma família, e também a comunidade no trabalho, a comunidade no bairro ou um pequeno grupo são uma casa ou uma família, parte de uma morada total, maior, que se chama Igreja. Assim, descobrimos também o valor daquele pedaço de Igreja que existe ali onde vivemos e que se chama Paróquia, isto é, a realidade do amor de Deus perto de nossa casa (paróquia, etimologicamente, significa «perto de casa»). E também ali a comunidade, a amizade entre nós, se alimenta dos Sacramentos, se alimenta da palavra de Deus anunciada. Como se torna grande a imagem da paróquia quando pensamos que ela vive como Igreja! Uma paróquia não pode viver sozinha, não resiste: é um pedaço de Igreja onde eu moro.

Na casa, na família, entre aqueles amigos, encontra-se constantemente o Acontecimento daquela Presença que, se for reconhecida, muda o olhar e o sentimento de si e de todas as coisas. Na casa, uma pessoa vê na outra o mistério de Cristo presente como rosto. Aprende-se, com as próprias dificuldades do relacionamento – iluminadas pelo juízo da Sua presença - a ver no outro o mistério de Cristo. Para cada um de nós, a companhia torna-se verdadeira na coagulação no espaço de uma verdadeira morada quotidiana: uma casa, uma morada onde todas as coisas são ajuizadas de forma a fazerem pressentir o seu destino comum, o seu objetivo comum. Por isso o relacionamento com todas as coisas torna-se uma ocasião de bem no presente que passa, capaz continuamente de recuperar, de causar letícia, de ser fonte de alegria, de segurança e de amor, cujo vértice é o perdão. A tradição cristã teve sempre este sentido de veneração pela morada terrena que reflete a glória de Cristo no mundo:

Ó casa luminosa e esplêndida
desde sempre amo a tua beleza
e o lugar onde habita a glória do meu Senhor,
Aquele que te construiu e te possui.
Por ti suspira a minha peregrinação
e digo Àquele que te fez
que me acolha também a mim no teu interior,
porque Ele também me fez.
[...]

»

¹³⁵ C. Blume, *Christe cunctorum dominator alme*, Inno della dedicazione del tempio, em *Analecta Hymnica Medii Aevi*, vol. 27, Leipzig 1897, p. 265.

¹³⁶ Col 1, 17.

¹³⁷ Os *Memores Domini* são aqueles que vivem a dedicação a Cristo e à Igreja na virgindade. Esta experiência nasceu no movimento Comunhão e Libertação. A Associação *Memores Domini* (normalmente chamada de «Grupo Adulto») visa implementar uma presença missionária precisamente através da forma da virgindade, para voltar a levar a fé à vida dos homens, encontrando-os em todos os lugares, mas em particular, nas diferentes áreas do mundo do trabalho: escola, escritório, fábrica. Os *Memores Domini* vivem juntos numa «casa», numa companhia determinada de três a doze pessoas.

¹³⁸ A *Fraternidade de Comunhão e Libertação* é uma Associação laical de direito pontifício, reconhecida pelo Pontifício Conselho para os Leigos a 11 de fevereiro de 1982.

- » Jerusalém, morada eterna de Deus,
não se esqueça de ti a minha alma,
depois do amor por Cristo, sê tu a minha alegria,
que a doce recordação do teu nome santo
me alivie da tristeza e daquilo que me oprime.¹³⁹

É um outro mundo que devemos construir e do qual somos as primeiras testemunhas. Testemunhas daquela normalmente impossível unidade que se torna, pelo contrário, experiência e torna possível suportar, torna possíveis a paciência e a misericórdia de uns pelos outros, a totalidade da partilha, a magnanimidade em todas as circunstâncias. Nós fomos chamados para iniciar a criação deste novo mundo. A casa é o espaço onde o relacionamento com Cristo é fixado em todas as nossas ações, em cada gesto nosso e, portanto, nos torna construtores de uma realidade nova.

A morada (família, mosteiro, casa) indica a realidade em que se vive, nas relações quotidianas, com paciência, com compreensão, onde tudo é para nós, onde tudo nos acolhe, onde tudo nos impele para a esperança, onde tudo é lenitivo para as nossas feridas, onde tudo de nós, tudo aquilo que somos, é acolhido. Como dizia Gregório de Nissa: «O vínculo da nossa unidade é uma autêntica glória».¹⁴⁰

Através destes vasos capilares, a Igreja vive no grande contexto do mundo inteiro. A Igreja é a realidade à qual Deus confiou o sentido do tempo. Ela veicula, por isso, de ano em ano, de século em século, de homem para homem, o sentido da história. Fora da Igreja, tudo se fragmenta e tudo se torna detrito. Portanto, inversamente, cada um de nós, como nos lembra o profeta Isaías, é chamado a ser «restaurador de casas em ruínas»¹⁴¹, de humanidades destruídas. Cada um de nós, lá onde se encontra, torna-se todos os dias sinal da bondade de Jesus, da Sua vontade de bem para o homem: «Contemplando a multidão, encheu-se de compaixão por ela, pois estava cansada e abatida, como ovelhas sem pastor».¹⁴² Nós fazemos parte desta sua condução, da Sua piedade pela humanidade na busca do bem, da verdade, do amor, da justiça e da felicidade. De facto, «quem poderá falar do amor ao homem próprio de Cristo, transbordante de paz?».¹⁴³

Um Acontecimento gera continuamente um vínculo, uma pertença, um modo de vida diferente, uma moralidade nova, uma perfeição da qual vem o fruto que colabora no jardim terrestre, no paraíso terrestre. Assim, temos a nossa parte na implementação do plano de Deus, na explosão da glória humana de Cristo na história.

¹³⁹ «O domus luminosa et speciosa, dilexi decorem tuum, et locum habitationis gloriae Domini mei, fabricatoris et possessoris tui. Tibi suspiret peregrinatio mea, et dico ei qui fecit et me. [...] Hierusalem domus Dei aeterna, non obliuiscatur tui anima mea: post Christi dilectionem tu sis laetitia mea: dulcis memoria beati nominis tui sit releuatio moeroris et taedii mei» (Giovanni di Fécamp, *Confessio theologica* 23, 39, em *Pregare nel Medioevo*, Jaca Book, Milão 1986, pp. 241-249).

¹⁴⁰ «Hujus autem unitatis nexus est gloria» (Gregório de Nissa, *Omellie sul Cantico dei cantici*, Om. XV, PG 44, 1118 A.)

¹⁴¹ Is 58, 12.

¹⁴² Mt 9, 36.

¹⁴³ Cf. Dionísio o Areopagita, *De divinis Nominibus* 953 A 10.